

## PERÍODO DA CHUVA E PERÍODO DA SECA: ESTAÇÕES QUE DEFINEM A PAISAGEM DO CERRADO E LIMITAM AS RITUALIDADES DA ROMARIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE DOS PIRENEUS NO MUNICÍPIO DE PIRENÓPOLIS/GO

Sirlene Alves da Silva, UEG, sirlepiri@hotmail.com  
 Hailla Fernanda Ribeiro Ferreira Rombauer, UEG, professora.hailla@gmail.com  
 Nélia Dias Nogueira Peixoto, UEG, neliapire@gmail.com  
 Oona Yasmina de Oliveira, UEG, oonayasmina@yahoo.com.br  
 Maria de Fátima Oliveira, UEG, proffatima@hotmail.com

### Resumo

Procuramos aqui apresentar a Serra dos Pireneus enquanto formação e localização geográfica. Discorreremos sobre as características históricas, geográficas, biológicas e ambientais, associando-as com os registros dos viajantes e de outros pesquisadores que ali estiveram. Apresentamos também a Romaria em Louvor a Santíssima Trindade e o Morro dos Pireneus, local onde esta acontece com a sua representação simbólica para os romeiros e demais frequentadores. Como Área de Proteção Ambiental, abordamos o Cerrado enquanto sistema biogeográfico que abarca o espaço do objeto do nosso estudo e, sob o aspecto da paisagem, apontamos a caracterização do cenário formado no local de realização da festa, que atrai frequentadores antes, durante e depois do acontecimento festivo.

**Palavras-chave:** Biodiversidade, Cerrado, Ritualidades festivas, Serra dos Pireneus, Pirenópolis-GO.

### 1. Introdução

A região da Serra dos Pireneus possui uma história importante ao constituir-se como referência para o Planalto Central Brasileiro, com parte delimitada oficialmente como Parque Estadual dos Pireneus e por tamanha riqueza, atrai diversos pesquisadores. Na área do parque está localizado o segundo maciço mais alto do Estado de Goiás, são três picos, o mais alto tem 1.385 metros de altitude, o pico dos Pireneus. Importante marco geográfico da região, foi objeto de interesse da Comissão Cruz, grupos de cientistas que passaram na região em 1892 para a demarcação do quadrilátero do Distrito Federal.

O local, como verdadeiro laboratório vivo, recebeu viajantes e pesquisadores que descreveram e estudaram a fauna, a flora e toda sua paisagem, como Auguste Saint-Hilaire e Johann Emanuel no século XVIII. Apresenta uma grande variedade de formações vegetais: O cerrado típico e suas principais fitofisionomias como campo e cerrado rupestre encontrados nos afloramentos rochosos; campo limpo e campo sujo próprio das baixadas; a floresta estacional semidecidual nas encostas e as matas de galeria e veredas nas margens dos cursos d'água, formações que abrigam fitofisionomias rupestres com diversas espécies endêmicas.



Além da biodiversidade, como aspecto de relevância para os estudos nas áreas das Ciências Biológicas, os aspectos hidrogeológicos como campo de estudos para a Geociências, o aspecto sociorreligioso e histórico oferece também a possibilidade de pesquisas na área das Ciências Humanas, ao saber que no local é realizada a Romaria anual em devoção a Santíssima Trindade, instituída há quase um século.

A caracterização da Serra dos Pireneus como local biodiverso e atrativo do município de Pirenópolis, com uma paisagem marcante de Cerrado goiano que se distingue pelas mudanças de estações e se estabelece como cenário da tradicional Romaria da Santíssima Trindade dos Pireneus, bem como as suas ritualidades, é a proposta aqui apresentada. É importante salientar que esta tradição envolta por sua devoção estimula em seus seguidores o sentimento de pertencimento ao espaço em que o rito acontece, por conseguinte estabelece a conexão sustentabilidade ambiental à cultural. Nesta perspectiva, o território deixa de ser apenas espaço geográfico, visto que “o chão mais a população formam uma identidade, que resulta no sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, diante disso o território se torna local de trocas materiais, espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (SANTOS, 2000, p. 96).

O presente artigo adota como objetivo analisar como as estações que definem a paisagem do cerrado podem limitar as ritualidades da Romaria da Santíssima Trindade dos Pireneus no município de Pirenópolis no estado de Goiás, tendo como pressuposto, tanto a pesquisa bibliográfica quanto a pesquisa-ação. Nesta perspectiva, este estudo se justifica ao contribuir com informações no que concerne a relação entre os romeiros e o domínio do Cerrado, bem como oferecer subsídios teóricos de estudo para futuras pesquisas, haja vista a pouca quantidade de investigações acerca desta temática.

## 2. Fundamentação teórica

Antes de adentrar a análise no concernente a como os períodos de seca e chuva limitam as ritualidades da Romaria da Santíssima Trindade na Serra dos Pireneus, faz-se necessário traçar um entendimento acerca tanto das fitofisionomias do domínio do Cerrado quanto caracterizar o espaço fitogeográfico da Serra dos Pireneus, uma vez que é neste ambiente que ocorre a Romaria católica tradicional em louvor à Santíssima Trindade por seus devotos.

A Serra dos Pireneus possui uma geografia marcante, rica em recursos hídricos, geológicos e um relevo acentuado, além da significativa composição fitogeográfica que compõe o Cerrado local, bem como as espécies faunísticas que o complementa. Sobre a formação geológica da Serra dos Pireneus, constatamos na proposta do Projeto Geoparque dos Pireneus (2010), que

O relevo na região limítrofe entre os municípios de Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás e Pirenópolis, é caracterizado por um conjunto quase paralelo de serras alinhadas na direção aproximada E-W, com altitudes variando em mais de 500m e alto declividade. [...], com profundos vales encaixados e encostas côncavas [...]. Em termos de gênese do relevo, essas serras seriam remanescentes da superfície de erosão

que afetou o Continente Sul Americano durante o Cretáceo Superior (THOMÉ FILHO; MORAES; PAULA, 2010, p. 3-6).

Como referência, a Serra dos Pireneus está localizada entre os municípios goianos de Pirenópolis, Corumbá de Goiás e Cocalzinho de Goiás, com distância aproximada de 130 km da Capital Goiânia e a 150 km de Brasília. Está distante da cidade de Pirenópolis aproximadamente 20 km, constituindo-se em um ponto turístico importante deste município. Sobre as características e a localidade, a pesquisadora Lorryne de Barros Bosquetti acrescenta que

A Serra dos Pireneus é uma localidade de forte atração turística, belezas paisagísticas, com montanhas quartzíticas, formações rupestres, e muitas nascentes que dão origem a rochas e cachoeiras. A área é também visitada devido a rituais religiosos/folclóricos realizados na base dos Três Picos durante o solstício de verão (BOSQUETTI, 2008, p. 20-21).

Em relação às espécies da flora e fauna do bioma Cerrado, sabemos que muitas espécies já foram estudadas e diversas outras ainda têm a se conhecer. Em referência a este assunto, pesquisador Altair Sales Barbosa afirma que: “[...] há uma grande variedade de paisagens geomorfológicas e fitofisionomias diferentes, responsáveis por uma diversidade no que se refere à oferta de frutos comestíveis encontrados desde ambientes abertos até os ambientes fechados” (BARBOSA, 2014, p. 30). Sobre a fauna, muitas espécies constituem também o sistema em descrição. Barbosa inteira que: “Esse conjunto faunístico envolve mamíferos de grande porte [...] também animais de médio e pequeno porte [...], há aves [...], também grupos de répteis” (2014, p. 59).

Nas proximidades dos Pireneus podemos encontrar entre a diversidade florísticas, espécies frutíferas bem comuns como: o araticum (*Annona crassiflora*), o Bacupari (*Salacia crassifolia*), o baru (*Dipteryx alata*), a cagaita (*Eugenia dysenterica*), o cajuzinho-do-campo (*Anacardium humile*), o jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), a mangaba (*Hancornia speciosa*), a marmelada (*Cordia sessilis*) o murici (*Byrsonima verbascifolia*), o pequi (*Caryocar brasiliense*) e outros.

Da diversidade faunística, os animais mais comuns, encontrados também nas proximidades do local onde ocorre a Festa dos Pireneus, são espécies pertencentes à classe insecta, como, besouros (*Coleoptera sp.*), borboletas (*Lepidoptera sp.*) e gafanhotos (*Orthoptera sp.*) Encontramos espécies também da classe das aves, como o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), a codorna (*Eudromias elegans*) e a seriema (*Cariama cristata*). Da classe dos répteis, é comum espécie como o teiú (*Tupinambis teguixin*) e da classe dos mamíferos, são vistas espécies como o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) e a raposa (*Lycalopex vetulus*). O lobo Guará (*Chrysocyon brachyurus*), embora seja uma espécie de ocorrência na região, pelas ameaças ao Cerrado e também por sua esperteza, é raramente visto na área de estudo.

Ainda como definição das características da Serra em abordagem, Siqueira (2004), afirma que: “A história geológica dos Pireneus tem mostrado a importância que este local

exerce como ponto de referência para Planalto Central Brasileiro” (2004, p. 40). O pesquisador faz menção aos vários aspectos que inclui o ambiente da localidade e no que se refere ainda à composição geológica e hidrológica e a importância da Serra dos Pirineus, completa:

[...] pela tríplice ramificação do relevo goiano: uma primeira em direção à Bahia; uma segunda em direção ao norte, entre os rios Tocantins e Araguaia e uma terceira em direção ao sudeste até os limites com o estado do Mato Grosso. Do ponto de vista Hidrológico, este espaço desempenha um papel fundamental no que diz respeito aos recursos hídricos, o Rio das Almas e o Rio Corumbá nascem nesta região (SIQUEIRA, 2004, p.41- 42).

Em relação ao patrimônio hídrico, a área é um divisor de águas entre as bacias hidrográficas do Paraná e a do Tocantins. Vários córregos nascem no alto da Serra dos Pirineus formando o rio Corumbá, da bacia do Prata, que nasce na vertente Norte, contorna o pico pelo Leste e vai para o Sul. O rio das Almas nasce na vertente Sudoeste e contorna pelo Oeste até Pirenópolis, e vai para o Norte. São vários ribeirões: Castelhanos, Araras, Dois Irmãos, São João, Inferno, que são afluentes do rio das Almas; e o ribeirão Rasgão, afluente do rio Corumbá. A maioria dos cursos d’água são perenes, devido às características hidrogeológicas dos quartzitos que são recarregados no período chuvoso, descarregando lentamente na estação seca.

Com duas estações bem definidas, uma seca e outra chuvosa, apresentando uma estiagem anual prolongada, de 4 a 5 meses, desta forma, para quem permanece o ano todo no município de Pirenópolis, percebe a mudança do tempo e a alternância das características do Cerrado, principalmente no aspecto da vegetação.

O sol intenso dos meses de abril a setembro deixa o ar seco, o que reflete diretamente no aspecto de coloração da flora, provocando uma aparência mirrada nas árvores e um tom amarelado que se mistura à poeira e a fumaça do ambiente. No período de seca, a poeira constante é proveniente do fluxo de automóveis sobre a antiga estrada de terra que corta o Parque Estadual dos Pirineus e a fumaça é oriunda das queimadas que ocorrem facilmente na vegetação suscetível do Cerrado naquela época do ano. A propagação do fogo na vegetação fragilizada pode ocorrer de forma natural com as descargas elétricas, ou por meio da interferência humana.

No Cerrado, assim como em outros sistemas biogeográficos, seguindo o quadro evolutivo, as espécies nativas criam seus mecanismos de defesa para sobreviver às queimadas. Sobre os debates acerca do fogo no ambiente de Cerrado, destacamos a visão do professor Altair Sales Barbosa, que aponta o fogo como um elemento em associação a este sistema.

Não se pode levar adiante qualquer estudo sobre o Cerrado, se não tomar em consideração o fogo, elemento intimamente associado a essa paisagem. Apesar da sua importância para o entendimento da ecologia desse ambiente enquanto sistema biogeográfico, a ação do fogo no Cerrado é ainda mal conhecida e geralmente marcada por questões mais ideológicas que científicas. Também não se pode conduzir seu estudo com base apenas nas comunidades vegetais. O estudo do fogo como agente ecológico será mais completo, se também se observarem a comunidade faunística e os hábitos que certos animais desenvolveram que estão intimamente associados à sua

ação, cuja assimilação, sem dúvida, necessita de arranjos evolutivos caracterizados por um tempo relativamente longo (BARBOSA, 2014, p. 24).

Podemos constatar por meio das figuras abaixo, a resistência da vegetação do Cerrado e a regeneração deste sistema após a ocorrência do fogo. Na observação de Saint-Hilaire, constatamos a condição de adaptação da flora na hostilidade deste ambiente. “Durante a seca – época em que se ateia fogo aos campos – o desenvolvimento da maioria das plantas fica de certa forma interrompido, e suas hastes apresentam-se com aparência ressequida. [...] Nas queimadas, as hastes calcinadas favorecem o desenvolvimento das gemas” (1975, p. 30).

Figura 1 - Queimada na Serra dos Pireneus



Fonte: SILVA, 2019.

Figura 2 - Rebrotas da vegetação



Fonte: AQUINO, 2017.

Com o início e permanência das chuvas, de outubro a maio, a terra árida, torna-se umedecida, a poeira é abrandada e a vegetação alterna para os tons de verde, demonstrando a sua capacidade de resiliência. A alteração de temperatura na região do “*Homo cerratensis*”, termo designado pelo pesquisador Bertran (2000, p.18), e a divisão “do tempo da seca e do tempo das águas”, como define o goiano, caracteriza o momento transitório no Cerrado.

Sob a iniciativa de Christóvam José de oliveira, antigo dono das terras da região, a Romaria da Santíssima Trindade dos Pireneus tem sua raiz histórica desde “19 de julho de 1927, com a aprovação do Arcebispo de Goiás Dom Emmanuel Gomes de Oliveira, em que foi celebrada a primeira missa pelo pároco Santiago Uchôa, no cume do Pico mais alto dos Pireneus. Em 1932, nesta localidade foi edificada a capela em honra à Santíssima Trindade pelo devoto que criador da romaria. (JAYME; JAIME, 2002). A Romaria em louvor a santíssima Trindade dos Pireneus, também conhecida como Festa do Morro ou Festa dos Pireneus, constitui-se, portanto, numa manifestação religiosa do catolicismo popular, que acontece todos os anos no plenilúnio do mês de julho envolta à paisagem do Cerrado goiano.

Sobre a paisagem, em relação ao contexto que aqui apresentamos, podemos melhor compreender a definição do conceito, nas palavras dos pesquisadores Roberto Lobato Corrêa e Zeni Rosendahl,

Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p.8).

Desta forma, o Cerrado como cenário do acontecimento festivo e cultural com sua paisagem constituída pelos morros e a vegetação de árvores e arbustos retorcidos, é complementado pelos espaços sagrados, que no Morro dos Pireneus, são delimitados pela Capela da Santíssima Trindade, no alto do pico de maior elevação e pela Capela de Nossa Senhora D’Abadia no sopé do morro.

Diante do exposto, a definição da estação de chuva e seca no Cerrado com a referida alternância no aspecto da vegetação caracteriza também a paisagem dos Pireneus, sobre a definição da paisagem, Sauer (2004, p. 51) afirma que, “Na estrutura da paisagem, o clima é de importância primordial”. O local de realização da Romaria em Louvor a Santíssima Trindade, tem sua paisagem também modificada gradativamente no decorrer do ciclo festivo<sup>1</sup>: o ciclo da Festa dos Pireneus, tem início no mês de novembro com os terços mensais<sup>2</sup> rezados no espaço festivo, ainda no período da chuva; o momento ápice das atividades festivas ocorre com a

<sup>1</sup> Na concepção de Maia (2002), pesquisador de festa, o ciclo festivo é composto por uma série de ações que podem ser classificadas em três fases distintas: preparação, realização e desativação.

<sup>2</sup> A reza mensal do terço corresponde a uma sequência de nove encontros na lua cheia de cada mês, que vai de novembro a julho, como momentos de preparação para a festa.

culminância, já no mês de julho no instante de estiagem das chuvas, quando o tempo seco sobressai.

### 3. Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa e sua sustentação, esta **foi** pautada na investigação a partir das tipologias metodológicas exploratória, descritiva e analítica, inter-relacionadas. Os procedimentos metodológicos serão organizados em:

- Pesquisa bibliográfica para a fundamentação dos conceitos e definições no concernente às acepções acerca do Domínio do Cerrado, da Serra dos Pirineus da cidade de Pirenópolis e das ritualidades da Romaria da Santíssima Trindade ali realizada;
- Pesquisa bibliográfica e documental para a descrição do Parque Estadual da Serra dos Pirineus;
- Pesquisa de campo para observação e investigação durante a Romaria de Santíssima Trindade e das suas ritualidades;
- Síntese-analítica para análise das informações coletadas para a organização dos resultados e discussões.

### 4. Resultados

Levando em conta as ações dos romeiros nas atividades que institui a festa, por meio das imagens seguintes podemos verificar a alternância da paisagem no espaço da realização da Romaria em louvor a Santíssima Trindade dos Pirineus nos períodos do ano caracterizados. Registramos a realização do segundo terço no mês de outubro de 2018 e do antepenúltimo no mês maio de 2019, como preparação para a festa.

Figura 3 - Terço - outubro de 2018



Fonte: SILVA, 2018.

Figura 4 - Terço - maio de 2019



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Podemos perceber respectivamente, a alternância da paisagem com a presença de neblina no espaço, a coloração verde da vegetação e a percepção do tempo chuvoso refletindo o início dos festejos. Com a outra imagem, pelo tom mais escurecido da vegetação e a claridade

do céu, é possível percebermos que se manifesta o início da seca e a aproximação do ápice da festa.

A imagem abaixo registra o espaço já durante a realização da festa no mês de julho, aonde podemos verificar com a coloração da paisagem em que a seca predomina no Cerrado Goiano.

Figura 5 - Paisagem no período da Festa



Fonte: CURADO, 2016.

Além da paisagem que cerca as atividades da festa, da vegetação característica e definida, outros elementos da natureza também integram a sua composição, como por exemplo, o sol quente e reluzente, que aquece os romeiros em meio às intempéries; a lua na fase da cheia, que clareia o espaço e a festa, resplandece com o seu brilho e envolve a todos; o vento intenso que assovia, é constante, junto com ele vem o frio que paira em todo o ambiente.

Por meio das imagens seguintes, podemos perceber a intensidade do pôr do sol e do nascer da lua como complementos da paisagem estabelecida no local da festa. No mês de julho, período de culminância dos festejos no morro, a nitidez do céu estabelece também como fator que emoldura a paisagem. Durante o dia, o sol repercute com intensidade e ao final, com um pôr exuberante, limita a localidade com perfeição e destaque.

Figura 6 - Pôr do sol



Fonte: CURADO, 2016.

Figura 7 - Nascer da lua



Fonte: CURADO, 2016.



Já à noite, a lua, astro que define o calendário e convida os romeiros para a festa, aparece toda imponente e reflete como característica marcante do momento. Dona de toda beleza e atração, permanece no espaço iluminando os acontecimentos.

Na Romaria dos Pireneus, o ato de apreciar o pôr do sol e o nascer da lua parece constituir um ritual ligado ao momento festivo, os romeiros esperam ansiosos todos os anos, a chegada do mês de julho para subir o morro, participar da festa e admirar de forma atônita o imponente astro. A lua atua como um referencial, acompanhando os partícipes da romaria desde a primeira missa celebrada naquela localidade.

## 5. Conclusões

Na perspectiva da pesquisa desenvolvida, com este estudo buscamos apresentar a Serra dos Pireneus como ponto atrativo do município de Pirenópolis-Go, que além de contemplar os fatores biológicos e geográficos mencionados, contempla ainda um aspecto importante da história e identidade cultural do povo pirenopolino: a Romaria da Santíssima Trindade dos Pireneus com seus acontecimentos ritualísticos decorrente junto ao cenário estabelecido pela paisagem do Cerrado, na distinção das estações das águas e da estiagem.

Constatamos que a Serra do Pireneus compreende como uma referência para o município de Pirenópolis-Go e com suas características diversas atrai visitantes e pesquisadores durante o ano todo. Inferimos ainda que, o Cerrado com suas características únicas, independente do período do ano, se estabelece pelo conjunto de fatores que o forma e emoldura os acontecimentos que decorrem junto a ele, como exemplo, as tradicionais festividades religiosas.

Diante do exposto podemos afirmar que a Romaria em louvor a Santíssima Trindade tem o seu ciclo do início ao fim, acontecendo em meio a um cenário favorecido pela paisagem que se define conforme a alternância das estações no bioma Cerrado, o período da chuva e o período da seca.

## 7. Referências bibliográficas

AQUINO, Vanuir Afonso de. **Imagens de seu acervo pessoal**. 2017.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sisenando. **Casas de Pirenópolis: Casas dos Homens**. Goiânia: Ed. PUC-GO, 2002. 196p.

THOMÉ FILHO, Jamilo José. MORAES, Juliana Maceira. PAULA, Thiago Luiz Feijó de. *Projeto Geoparques: Geoparque dos Pireneus (Proposta)*. Ministério de Minas e Energia. MME/Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral – SGM/Serviço Geológico do Brasil – CPRM. 2010. 66p.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Pirenópolis: identidade territorial e biodiversidade*. Rio de Janeiro: Loyola, 2004. 79p.



MAIA, Carlos Eduardo Santos. *Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional*. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. 300 f. (Doutorado em Geografia).

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem do Planalto Central: eco-história do Distrito Federal – do indígena ao colonizador**. Brasília: Verano, 2000. 322p.

BARBOSA, Altair Sales et al. **O piar da juriti Pepena - Narrativa ecológica da ocupação humana do Cerrado**. Goiânia: ed. PUC Goiás, 2014. 392p.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de Goiás**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/USP, 1975. 158p.

SAUER, O. Carl. A Morfologia da Paisagem. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004, p.12-68  
CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny ( Orgs). **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro. UERJ, 2004, 124p.

BOSQUETTI, Lorryne de Barros. **Análise da estrutura da paisagem e fitofisionomia do parque Estadual dos Pireneus, Goiás, Brasil**. São Paulo, USP, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. 2008. 131p. (Doutorado em Ecologia Aplicada).

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Imagens do acervo do autor**. 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Sirlene Alves. **Imagens do acervo pessoal**. 2016-2018.